

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2020



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2020



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Bruno dos Santos, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Kyriakos Savvopoulos (Oxford University), José Manuel Alba (Universidad de Jaén), Maria Fernanda Brasete (Universidade de Aveiro), Maria Jose López Grande (Universidad Autónoma de Madrid), Matheus Trevizam (Universidade Federal das Minas Gerais), Miguel Ángel Novillo López (Universidad Complutense de Madrid), Mona Haggag (Alexandria University), Nelson Henrique da Silva Ferreira (Universidade de Coimbra), Núria Castellano i Solé (Universidad de Murcia), Paulo Sérgio Ferreira (Universidade de Coimbra), Pietro Li Causi (Università degli Studi di Palermo), Rui Carlos Fonseca (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Susana Marques Pereira (Universidade de Coimbra).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2020

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 UNA GENEALOGIA DEL SUJETO DEL DESEO

Foucault y la sexualidad de los Antiguos

A GENEALOGY OF THE SUBJECT OF DESIRE.

Foucault and Sexuality in Antiquity

María Cecilia Colombani

35 LA IMAGEN DE CAYO JULIO CÉSAR EN EL CINE

CAIUS IULIUS CAESAR'S IMAGE IN THE CINEMA

Miguel Ángel Novillo López

53 ESTUDOS

ARTICLES

55 THE LACHISH RELIEFS

The programmatic representation of the king

at war under Sennacherib

OS RELEVOS DE LACHISH

O programa de representação do rei na guerra sob Senaquerib

Violeta d'Aguilar

87 A PRODUÇÃO DO VIDRO NO EGIPTO DO IMPÉRIO NOVO

À LUZ DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANALÍTICOS

GLASS PRODUCTION IN NEW KINGDOM EGYPT IN LIGHT

OF THE ARCHAEOLOGICAL AND ANALYTICAL DATA

Francisco B. Gomes

121 A IDEIA DE HISTÓRIA SEGUNDO OS ARQUIVOS REAIS DE MARI

THE HISTORICAL CONCEPTION OF THE ROYAL ARCHIVES OF MARI

Maria de Fátima Rosa

- 145 THE ANTHROPOID WOODEN COFFIN OF DIDYME
FROM GRECO-ROMAN EGYPT
O ATAÚDE ANTROPOMÓRFICO DE DIDÍME DO EGIPTO GRECO-ROMANO
Ahmed Derbala e Rogério Sousa
- 175 TESEU, O PARADIGMA DO ATENIENSE ÁRISTOS
Testemunhos de Pausânias e Plutarco
THESEUS, THE PARADIGM OF THE ATHENIAN ÁRISTOS
Testimonies from Pausanias and Plutarch
Maria de Fátima Silva
- 203 ECONOMIC ACTIVITIES CREATING ARCHETYPES
FOR TRADITIONAL ABSTRACT LANGUAGE:
The farmer as the good man in the roman 'Agricola Instructions'
A ATIVIDADE ECONÓMICA COMO FONTE IMAGÉTICA DE LINGUAGEM SIMBÓLICA:
O bom agricultor das instruções agrícolas romanas
Nelson Henrique da Silva Ferreira
- 229 A IMPORTÂNCIA RIBEIRINHA DE MIRAGAIA (PORTO)
NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO
THE RIVERSIDE IMPORTANCE OF MIRAGAIA (OPORTO)
IN THE ROMANIZATION PERIOD
Ana Isabel Lino
- 251 SAKURA NO PAÍS DAS MITOLOGIAS:
Storytelling mitológico e reino encantado
SAKURA IN MYTHLAND:
Mythological storytelling and wonderland
Sílvia Catarina Pereira Diogo

271 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 273 THE MORTEXVAR PROJECT
Valuing variability in the ancient Egyptian mortuary texts
Carlos Gracia Zamacona
- 281 MYTH, HISTORY, AND METAPHOR IN THE HEBREW BIBLE
Por Paul K.-K. Cho
José Augusto Ramos

295 UM NOVO OLHAR SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO:
A perspectiva de J. G. Manning

Elisa de Sousa

305 ROMA NOSSO LAR:
Tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)

Ália Rodrigues

313 RECENSÕES

REVIEWS

419 IN MEMORIAM

425 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



**ESTUDOS
ARTICLES**


TESEU, O PARADIGMA DO ATENIENSE ÁRISTOS

Testemunhos de Pausânias e Plutarco

THESEUS, THE PARADIGM OF THE ATHENIAN ÁRISTOS
Testimonies from Pausanias and Plutarch

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

fanp13@gmail.com |  <https://ORCID: 0000-0002-8107-9165>

proposta: 09/11/2020 | aceitação: 25/11/2020
submission acceptance

Resumo: Como parte de um plano de ascensão política, Atenas procurou criar um símbolo que identificasse a sua supremacia e conquistas civilizacionais. Para esse papel, elegeu Teseu, em cujo perfil acumulou, de modo anacrónico, a sua trajetória, desde os primeiros passos em nome de uma coesão populacional na Ática, até à instauração do regime democrático. Plutarco, em modelo biográfico, e Pausânias, como testemunha da presença de Teseu na monumentalidade de Atenas, são disso testemunhas.

Palavras-chave: Teseu, herói fundador, biografia, testemunhos monumentais.

Summary: As part of a plan for political ascension, Athens sought to create a symbol to identify its supremacy and civilizational achievements. For this role the city elected Theseus, whose profile was shaped by an anachronical accumulation of his trajectory from the first steps towards population cohesion in Attica up to the establishment of a democratic regime. Witnesses of this are Plutarch, in a biographical model, and Pausanias, in describing the presence of Theseus in Athens' monumentality.

Keywords: Theseus, founding hero, biography, monumental testimonies.

1. Realidade histórica e tradição mítica

Tanto Pausânias como Plutarco têm a noção de que incluem, nas suas narrativas, elementos que dificilmente se conciliam com a verdade histórica. Obedecendo o primeiro ao projeto de ilustrar etapas de um percurso pela Grécia e Plutarco ao de equilibrar, nas suas biografias paradigmáticas, com os méritos de Rómulo, os de Teseu

Decidi comparar e cotejar o fundador da bela e celebrada Atenas com o pai da invicta e gloriosa Roma¹

a ambos conviria a observação cautelar de Plutarco a propósito de um princípio aplicável tanto ao historiador, quanto ao biógrafo ou ao relator de viagens:

Oxalá estivesse na minha mão que, depois de depurado pela razão, o elemento mítico recuasse e tomasse o aspeto de história. Se em algum momento, porém, se atraíçoa, de modo gritante, a credibilidade e não se preserva a articulação com o verosímil, precisaremos da tolerância dos nossos leitores e de um acolhimento compreensivo para as tradições locais.²

Plutarco condescende então em privilegiar, sobre a verdade, a verosimilhança, interpondo a razão como um fator de harmonia entre os dois polos extremos da tradição literária grega;³ ao mesmo tempo que depura o mito da sua irracionalidade, o *logos* contribui para lhe conferir uma imagem sugestiva de História. Nesta busca pela verosimilhança, dois critérios podem dar o seu contributo: a predominância de um equilíbrio maior entre a realidade e a pura fantasia, e a maior documentação de que uma determinada versão, mesmo que mítica, pode gozar.⁴ Da inevitabilidade desta sobreposição dá conta a observação de Pérez Jiménez, na Introdução que escreveu à publicação do primeiro volume de *Vidas Paralelas*, ao justificar a inclusão dos pares *Teseu-Rómulo* e *Licurgo-Numa*:

-
- 1 Plu. *Thes.* 1.5: ἐφραίνετο τὸν τῶν καλῶν καὶ αἰδιμῶν οἰκιστὴν Ἀθηναίων ἀντιστῆσαι καὶ παραβάσειν τῷ πατρὶ τῆς ἀνιχίτου καὶ μεγαλοδόξου Ῥώμης.
 - 2 Plu. *Thes.* 1.5: εἴη μὲν οὖν ἡμῖν ἐκκαθαίρομενον λόγῳ τὸ μυθῶδες ὑπακοῦσαι καὶ λαβεῖν ἱστορίας ὄψιν· ὅπου δ' ἂν αὐθαδέως τοῦ πιθανοῦ περιφορῆ καὶ μὴ δέχεται τὴν πρὸς τὸ εἰκὸς μείξιν, εὐγνωμόνων ἀκρατῶν δεησόμεθα καὶ πρῶτως τὴν ἀρχαιολογίαν προσδεχόμενων. Já Heródoto (1.5.3) tinha manifestado preocupação equivalente, procurando estabelecer diferenças essenciais entre estes dois tipos de narrativa.
 - 3 Ampolo e Manfredini (1993, XII-XIII) salientam a intervenção de Hecateu de Mileto, já no séc. VI a. C., no sentido de dar verosimilhança à tradição mitológica.
 - 4 Plu. *Thes.* 15.1, 22.7, 26.1, 29.4, 31.2.

Efectivamente, estos cuatro personajes no sólo tienen notas comunes entre sí que permiten concebirlos como un grupo autónomo dentro de la obra, sino que incluso la conciencia del mismo biógrafo ya los relacionaba de forma muy estrecha.

Los cuatro pertenecen, de hecho, a esta etapa de la historia de Grecia y Roma en que no es todavía diferenciable la realidad de la leyenda y las sombras de la idealización heroica no permiten discernir bien las siluetas de sus protagonistas.⁵

Por isso, ao rigor exigível à História, Plutarco está disposto a associar a fantasia mítica, em nome de um princípio igualmente defensável: o de que as cidades excepcionais – como Atenas e Roma - merecem um fundador e um passado excepcionais. A lenda torna-se então uma espécie de *aition*, de justificativo para tradições e práticas que a experiência cultural e social abona.⁶ Aí de facto lenda e história confundem-se e mutuamente se justificam.

Decisivo é ainda, para a aproximação dos dois autores, o facto de se tratar de contemporâneos, duas personalidades que vivem sob o mesmo enquadramento histórico e político e que tomam por referência a mesma realidade. Através do testemunho de Pausânias, podemos consolidar a ideia de que várias das figuras modelo que servem a Plutarco de paradigma de duas culturas de excelência - a grega e a romana - fazem parte de um elenco de notáveis projetado por monumentos, cultos e narrativas populares, no espaço público das diversas comunidades gregas. Esta perspectiva alarga o campo de referências para o que poderíamos considerar ‘as fontes’ usadas pelo biógrafo: não apenas os relatos de outros historiadores ou autores de vidas, ou a tradição poética,⁷ produzidos ao longo dos séculos, mas a ‘materialização urbana’ dos grandes marcos de uma cultura como Pausânias se propõe registar. Sem esquecermos que Plutarco beneficiou, em certa medida, de uma aquisição semelhante nas suas visitas por Atenas, Esparta ou Roma.

É a partir do apelo a uma fusão, que se quer harmoniosa, entre realidade histórica e tradição mítica, ou testemunhos literários e monumentais, que nos

5 Pérez Jiménez 2000, 139.

6 Ferreira (2012, 98) salienta, em consequência, como “a partir de finais do séc. VI a.C., a ação de muitos políticos tenha sido associada – pelos próprios ou pelos concidadãos – à de Teseu, figura que passou a funcionar como instrumento de propaganda que conferia aos feitos dos novos políticos maior prestígio. Vários foram os classicistas que procuraram demonstrar, inclusive, que terão sido esses políticos – Pisístrato Clístenes, Temístocles, Címon, Péricles, segundo a teoria de cada um – a fomentar o culto de Teseu, que, até ao início do séc. V a.C., ainda não tinha a dimensão de herói nacional que hoje lhe conhecemos.”

7 Tendo em conta que Plutarco e Pausânias dispunham de informações para nós perdidas, podemos mesmo assim avaliar a abundância e diversidade dos testemunhos conservados: B. Fr. 17, 18; E. Hipp., HF, Supp.; S. OC; Isoc. 10.

propomos analisar a visibilidade de um Teseu que, como herói, assimila os diversos traços constitutivos da índole ateniense.

2. Teseu, um mito fundacional e popular

Na *Descrição da Grécia* de Pausânias, a referência aos feitos de Teseu é sempre motivada a partir dos ‘monumentos’ que proliferam na grande Atenas. A ordem por que são referidos não é diacrónica – como a biografia aconselharia; apenas obedece à sequência, mais ou menos ocasional, pela qual esses monumentos aparecem ao visitante. São abundantes, expressos em diversas modalidades (templos, estátuas, relatos ...) e presentes – ou sugeridos - em lugares centrais da cidade.⁸ Surgem sobretudo a partir de finais do séc. VI a.C., talvez em função do uso deste mito como uma bandeira da luta contra os tiranos, em particular associada a Clístenes. Por outro lado, a promoção de Teseu como herói fundador articula-se com a projeção de uma Atenas que, após a vitória sobre os Persas e com a instauração do regime democrático, se ia impondo como a maior das *poleis* gregas. Ao mesmo tempo, Teseu surgia como o representante de todos aqueles traços que constituíam ‘a psicologia ateniense’, como os reconheceu Tucídides: determinação, espírito de iniciativa, empreendedorismo, capacidade de risco e de aventura.⁹

E, no entanto, os relatos de Pausânias não são, nem pretendem ser, sistemáticos. É justamente depois de ter feito diversas referências a Teseu e de lhe louvar as qualidades como combatente que Pausânias introduz esta observação metodológica: “São estes, na minha opinião, os motivos que, na Ática, são mais reconhecidos, tanto nas tradições, como nos monumentos. Desde o início, escolhi dos muitos materiais, aqueles que melhor convinham ao meu relato.”¹⁰ Logo, da seleção podemos inferir a maior popularidade de certos motivos.

8 Plutarco (*Thes.* 4.1) explicita alguns nomes de artistas – o escultor Silânion (séc. IV a.C.) e o pintor Parrásio (segunda metade do séc. V a.C., um nome que concorria com os melhores do seu tempo, Zéuxis e Apeles) – interessados na representação de Teseu. A que se somam outros mencionados por Pausânias – Mícon (Paus. 1.17.3), por exemplo. Do conjunto ressalta a prioridade que o herói tinha como motivo de inspiração artística, sobretudo a partir de finais do séc. VI a.C.

9 Th. 1.73-8.

10 Paus. 1.39.3: τσαῦτα κατὰ γνώμην τὴν ἐμὴν Ἀθηναίους γνωριμώτατα ἦν ἐν τε λόγοις καὶ θεωρήμασιν, ἀπέχρινε δὲ ἀπὸ τῶν πολλῶν ἐξ ἀρχῆς ὁ λόγος μοι τὰ ἐς συγγραφὴν ἀνήκοντα.

Para quem chega por mar a Atenas, como Pausânias, o rasto de Teseu oferece-se logo desde os portos,¹¹ para se impor através de vestígios constantes e notórios. Visibilidade equivalente é a que Plutarco destina ao fundador de Atenas, ao colocá-lo à cabeça da sua coleção biográfica como uma espécie de prómio ao que constitui a natureza essencial da mais relevante das cidades gregas.

Para ambos os autores, Teseu é verdadeiramente o símbolo da primeira das *poleis* helénicas e da sua índole mais profunda. Nele se acumulam, de forma mais ou menos anacrónica, todas as características identificativas do ‘espírito ateniense’.¹² Aqueles tópicos que, numa síntese muito abrangente, se poderiam considerar fulcrais no retrato de Teseu – as virtudes que pôs ao serviço da libertação de Atenas do jugo minoico, o espírito gregário e cooperante que infundiu nas pequenas comunidades da Ática e a cedência de parte do seu poder em benefício do povo – coincidem nos dois relatos, simplesmente porque inspirados numa mesma visão dos Atenienses em relação ao seu herói fundador.¹³ Os múltiplos ‘ao que se diz’, com que Pausânias vai pontuando a sua narrativa sempre que a versão a propor não se submete a testemunhos palpáveis, sublinham bem a popularidade de histórias associadas a Teseu e a auréola mítica de que a tradição o rodeou.

A leitura dos dois autores não deixa dúvida, pelas quase sistemáticas coincidências de motivos, a respeito dos que são os traços essenciais no retrato tradicional de Teseu. Desde o primeiro monumento de referência dedicado ao herói descrito por Pausânias – o ‘templo de Teseu’ na ágora,¹⁴ também mencionado por Plutarco,¹⁵ a nossa atenção é canalizada para os episódios que melhor identificam a vertente política do herói: a resistência à invasão das Amazonas (também representada no escudo de Atena e no pedestal de Zeus em Olímpia – o que atesta a sua popularidade);¹⁶ a luta dos Centauros e dos Lápitas;¹⁷ e a aventura de Creta¹⁸ que, pelo tratamento extenso que lhe é dado pelo Queroneu, se mostra

11 Paus. 1.1.2.

12 Sobre a convenção a que obedecem as vidas de fundadores, *vide* Ferreira (2012, 31-46).

13 Plutarco manifesta alguma hesitação ao estabelecer, com a palavra mais apropriada, o papel que Teseu teve em relação a Atenas; ora se lhe refere como *οἰκιστῆς* (Plu. *Thes.* 1.5), “fundador” da cidade, ora com o verbo *συνοικίζω* (*συνώμισε*, Plu. *Thes.* 2.2), como “unificador” do território ático sob a égide de Atenas.

14 Paus. 1.17.2-3.

15 Plu. *Thes.* 36.4.

16 Cf. Plu. *Thes.* 26-8.

17 Plu. *Thes.* 30.3-4.

18 Plu. *Thes.* 15-23.

central no desenho. Todos estes episódios documentam a valentia inata do herói, posta, antes de mais, ao serviço da cidade, mas também cooperante com outros *philoi*, beneficiários da sua *arete* e, por isso, devedores de Atenas.

Se anteciparmos, de forma mais sistemática, as categorias em que os mitos relacionados com Teseu se inserem, teremos: 1) relatos sobre a sua origem e infância; 2) narrativas relacionadas com o trajeto de Trezena para Atenas; 3) a lenda relativa a Creta; 4) episódios relacionados com as suas aventuras na qualidade de rei (luta com os Centauros e as Amazonas; descida ao Hades; rapto de Helena); 5) exílio e morte. Todas elas têm, em Plutarco, como em Pausânias, uma predominância evidente e paralela.

3. Origem e ascendente

Plutarco, após reconhecer a componente de fantasia de que o seu relato sobre a vida de Teseu se não isenta, coloca as primeiras dúvidas sobre a origem e ascendente do herói ao dizê-lo “fruto de uma união ilegítima e clandestina”.¹⁹ Reconhece assim a incerteza que as diferentes narrativas ou imagens de Teseu colocam nesta matéria. Mas esta observação pode ter também um alcance mais amplo. Foi a incapacidade de Egeu, rei de Atenas, de gerar um herdeiro, o que o levou a consultar o oráculo de Delfos. Atento a preservar a ‘pureza’ da raça, a par da tradicional autoctonia ateniense, Apolo recomendou-lhe que não tivesse relações com qualquer mulher antes de estar de volta à cidade.²⁰ O deus pretendia, desta forma, salvaguardar um princípio, que fazia de Atenas um exemplo de ancestralidade e autoctonia. Como herdeiro de Cécrops e de Erecteu, Egeu deveria, segundo o conselho do oráculo, manter essa tradição. Todavia, no que parecia já uma tendência de Atenas para o cosmopolitismo, o rei desobedeceu a Apolo e proporcionou à *polis* um futuro mais aberto. Verrall e Harrison²¹ acentuam a importância desta origem de Teseu com motivos políticos de outra natureza, ao afirmarem:

19 Plu. *Thes.* 2.1, numa breve aproximação entre Teseu e Rómulo: ἄμφω μὲν ἀνεγγύω καὶ σκοπίω γενόμενοι.

20 Plu. *Thes.* 3.5.

21 Verrall et Harrison 1890, XCVII-VIII.

Theseus was not, could not be, an Athenian. The reason is simple. Cecrops in far-off remote ages could be an Athenian, autochthonic, and yet rule as king. Theseus, the founder of democracy, could not be the ancestor of those nobles whom that democracy laboured to put down. He must be noble, and a stranger, yet with some link to Athens; a king, but deprived of his rights, and coming back to win, by favour of the people, what was his own; a man contending with the nobles of the land, the Metionids, the Pallantidae, and Menestheus; a hero always ready to sacrifice himself for the people, yet whose throne was never stable.

Em Teseu, a tradição – a que os nossos dois autores são fiéis - faz confluír, na própria origem, dois contextos geográficos, o que certamente amplia a sua influência e o converte numa figura pan-helénica.²² Do lado paterno, o herói associa-se com a linhagem régia de Atenas, como descendente direto do seu último detentor, Egeu;²³ enquanto a mãe, Etra, filha de Piteu rei de Trezena, lhe garante uma raiz pelópida, ligada portanto ao Peloponeso.²⁴ A mesma mistura e heterogeneidade, no plano pessoal e coletivo, é reforçada pela origem do herói numa união ilegítima e clandestina.

Cada uma destas origens vai ser, a seu tempo, influente no estabelecimento da personalidade do futuro senhor de Atenas. Em primeiro lugar a infância passada em Trezena, junto de Piteu, de quem Plutarco e Pausânias recordam a fama de “homem douto e extraordinariamente sábio.”²⁵ O facto de ter promovido, para a constituição de Trezena, a fusão das povoações de Hipereia e Anteia, e a sua credibilidade como político não são de menor importância para a formação da personalidade de um Teseu ainda criança, cuja educação esteve confiada aos seus cuidados.

As circunstâncias do nascimento de Teseu, em resultado de uma passagem de Egeu por Trezena e de uma relação estabelecida com Etra,²⁶ não deixaram, tanto quanto se pode julgar pelo testemunho de Pausânias, evidência monumental

22 A pertença de Teseu à tradição de outras regiões da Grécia fez dele, segundo alguns comentadores, como Walker (1995, 3-4), um herói “pan-iónico.”

23 Rezava a tradição que, antes de Egeu e Teseu, outros reis míticos haviam governado Atenas: Cécrops, Erecteu, Pandión. O prestígio de que Teseu veio a gozar sobrepôs-se ao de todos os que o precederam, e exigiu para o seu papel uma identidade própria: não a de um ‘fundador’ propriamente dito, mas a de um ‘unificador’, por ter estabelecido o sinecismo, a fusão das povoações da Ática sob o controle de Atenas.

24 Plu. *Thes.* 3.1-2.

25 Plu. *Thes.* 3.1: (...) ἀνὴρ λόγιος ἐν τοῖς τότε καὶ σοφώτατος ἔσθην. Cf. Paus. 2.31.3. Sobre a identidade ambígua de Piteu e sobre o seu oráculo, cf. E. *Med.* 679-81; Apollod. 3.15.6.

26 Desenvolvidas por Plutarco (*Thes.* 3-5).

em Atenas.²⁷ Mesmo o seu relato é em parte vinculado com uma tradição peloponésia.²⁸ Ainda assim, algumas lendas tornaram-se populares também na Ática, abonando as qualidades que desde a infância se manifestaram no futuro herdeiro de Atenas. Pausânias lembra, por exemplo, o modo como Teseu, confrontado com a pele de leão que Hércules, de visita a Piteu, tinha despido durante um jantar, se distinguiu de todas as outras crianças da sua idade; enquanto estas, apavoradas, fugiam, o filho de Egeu avançou, disposto a enfrentar a fera que julgou autêntica.²⁹ Não apenas a valentia de Teseu se evidenciava, como uma primeira aproximação com Hércules antecipava um relacionamento que se havia de tornar mais sólido, entre o soberano de Atenas e o mais valente dos heróis gregos.³⁰

Mais relevante pelo seu simbolismo político parece ter sido o episódio que finalmente pôs o neto de Piteu a caminho do trono de seu pai e que passou por um processo de reconhecimento, dada a clandestinidade na relação entre Egeu e Etra. Tão relevante que produziu associações etimológicas com o próprio nome de Teseu.³¹ Ao partir de Trezena, Egeu colocou (*theménou toû Aigeos*)³² debaixo de uma pedra objetos (uns sapatos e uma espada) que haveriam de servir ao filho de provas de identificação. Atingida a maturidade, o jovem, industriado pela mãe, recuperou esses objetos de reconhecimento e munido deles partiu para o seu futuro de ‘fundador’ de uma nova Atenas.³³ Este enlace entre as duas tradições tinha uma representação na Acrópole, testemunhada por Pausânias: “Este é um episódio representado na Acrópole, numa imagem toda em bronze à exceção da pedra.”³⁴

O secretismo que rodeou a origem do filho de Egeu permitiu especulações sobre a possibilidade de um ascendente divino.³⁵ Ainda que de uma forma vaga,

27 Há que lembrar, no entanto, como é reconhecido pelos diversos estudiosos de Pausânias, que não há da parte do autor da *Descrição da Grécia* a intenção de ser sistemático no seu relato.

28 Paus. 1.27-8.

29 Paus. 1.27.7.

30 Este episódio não consta em Plutarco. No entanto, a assunção de Hércules como modelo de Teseu, que procurava emular, é claramente declarada em *Thes.* 6.8-9.

31 Sobre outras hipóteses para a etimologia do nome de Teseu, vide Pérez Jiménez (2000, 157).

32 Plu. *Thes.* 4.1, 6.3; Paus. 1.27.8.

33 Apesar de provindo de mãe não ateniense e de nascido fora de Atenas, Teseu ganha legitimidade como filho de Egeu quando recupera, de sob um rochedo onde haviam sido ocultados, os bens paternos, uma espada e um par de sapatos (Plu. *Thes.* 3.6-7, 6.2-3). Esta façanha – a de levantar um penedo para recuperar objetos ocultados – não é tanto representativa de uma força extraordinária do jovem Teseu, quanto da recuperação da sua identidade e legitimidade como filho de um rei.

34 Paus. 1.27.8: τούτου δὲ εἰκὼν ἐν ἀκροπόλει πεποιήται τοῦ λόγου, χαλκοῦ πάντα ὁμοίως πλὴν τῆς πέτρας. Verrall e Harrison (1890, CI-II) enumeram múltiplos vestígios materiais (moedas e vasos) deste episódio do reconhecimento.

35 Cf. Hom. *Od.* 11.631; E. *Hipp.* 887 et seq.; Isoc. 10.18; Apollod. 3.15.7; Hyg. *Fab.* 37. Verrall e Harrison (1890, XCIX) colocam a origem destas duas lendas em diferentes territórios: em Trezena, a que atribui

já a *Odisseia* se refere à origem divina de Teseu.³⁶ A mesma lenda deixa traço em Plutarco, que a considera alimentada por Piteu e a desvaloriza.³⁷ Pausânias, em contrapartida, atribui-lhe alguma popularidade; não apenas a relata como um encontro, programado pelos deuses, de Etra com Posídon,³⁸ como lhe incrementa o tom miraculoso, ao enlaçá-la com a façanha cretense de Teseu.³⁹ Perante o desafio de Mínos - seduzido pela beleza de Peribeia, uma das jovens condenadas ao Minotauro -, que desacreditava a sua origem divina, Teseu sujeitou-se à prova de resgatar do mar o anel régio. Foi então que regressou das profundezas das ondas não só com o anel, mas com uma coroa de ouro, presente de Anfitrite. Este era um motivo que consagrava a versão de um ascendente divino do herói no seu templo da ágora ateniense, tornado popular a partir da década de 70 do séc. V a.C., com o crescimento do imperialismo marítimo de Atenas.

O percurso a realizar entre Trezena e Atenas assume o caráter de uma verdadeira viagem iniciática. Em todo o trajeto, Teseu foi confrontado com sucessivos perigos, a exigirem coragem, determinação e sentido de justiça, a que foi somando triunfos.⁴⁰ Mais uma vez, o exemplo de Hércules pode ser evocado como estimulante para esta rota de ‘trabalhos’, justificando o testemunho de Plutarco sobre um dito proverbial que lhe era aplicado: “um outro Hércules, este sujeito”.⁴¹ Deste modo, acredita Walker, Teseu não só é conformado à semelhança de Hércules, mas também tomado como a réplica ateniense do herói dórico.⁴² A atenção pública dos

a paternidade a Posídon; em Atenas, a que dá a Egeu esse papel. A versão ateniense acaba por se tornar dominante. *Vide* Pérez Jiménez 2000, 159.

36 Hom. *Od.* 11.691.

37 Plu. *Thes.* 6.1. O silêncio de Plutarco sobre o episódio do anel de Mínos é expressivo do mesmo propósito de subtrair o fantástico do nascimento de Teseu, como era tradicional na biografia de fundadores (cf., para o caso de Teseu, B. *Fr.* 17 Maehler). Todavia, Plutarco não deixa de ser sensível à importância do maravilhoso na biografia de uma personagem paradigmática, ao afirmar: “... se se pensar na grandeza de Roma, (...) que nunca teria atingido um tal poder se, em vez de uma origem divina, tivesse tido apenas uma origem desprovida de grandeza e de maravilhoso.” (Plu. *Rom.* 8.9: *ὅς δοκεῖ πρότερος ἐκδοῦναι Ἰώμης κτίσιν, (...) ὡς οὐκ ἂν ἐνταῦθα προσβῆι δυνάμειος, μὴ θείαν τιν' ἀρχὴν λαβόντα καὶ μηδὲν μὲγα μηδὲ παράδοξον ἔχουσαν*).

38 Paus. 2.33.1.

39 Paus. 1.17.3.

40 Esta componente da saga de Teseu parece ascender aos séc. VI-V a.C., dado ser Baquilides (*Fr.* 18) o primeiro testemunho dela conservado.

41 Plu. *Thes.* 29.3: *ἄλλος οὖτος Ἡρακλῆς*. Cf. Verrall e Harrison (1890, XCVIII): “The later adventures – Amazons, Lapiths, Hades – are obviously mere replicas of the labours of Herakles and need no detailed consideration. The exploits from Troezen to Athens belong exclusively to Theseus, but are avowedly undertaken in imitation of Herakles”. Este tipo de comparações tornou-se proverbial, cf. Isoc. 10.23-5.

42 Para esta leitura, Walker (1995, 31) aduz um argumento histórico: “The years after 510 B.C. also mark a turning-point for Athens herself. She cannot challenge Sparta’s position as the leading state of mainland Greece, but she begins to assume her position as leader of the Ionians, and when they rebel against Persia, she will give them the aid that the Spartans refuse.”

Atenienses a esses episódios não foi estranha, se tivermos em conta o que alguns deles poderiam significar para o ascendente político sobre outras cidades (caso de Mégara, que Teseu libertou da javalina de Crómion e de Ciro, o salteador). Assim, Pausânias refere a articulação com esses sucessos de “um velho altar de Zeus Milíquio”,⁴³ na região de Elêusis, onde Teseu terá sido purificado, condição para o futuro rei de Atenas na entrada da cidade, depois de ter morto vários salteadores, entre eles Sínis, um seu parente pelo lado de Piteu.⁴⁴ O pinheiro onde o trucidou, à semelhança do que o próprio Sínis fazia com as suas vítimas, pôde ainda ser visto por Pausânias.⁴⁵ Por sua vez, o homicídio de Ciro nas profundezas do mar estava representado numa estátua de terracota, em plena ágora, “sobre a cobertura do Pórtico Real”.⁴⁶

Parece oportuno, neste contexto, recordar o comentário de Ferreira: “O Queroneu, como é seu hábito, aproveita o relato destes episódios para satisfazer os seus objetivos pedagógicos, morais e biográficos, isto é, para evidenciar as qualidades que admira em Teseu”.⁴⁷ A que, por sua vez, Pausânias acrescenta a importância política e coletiva dessas aventuras, tal como é testemunhada pela projeção pública que teve, em edifícios ou lugares de referência, motivadores de relatos ‘publicitários’ do ascendente de Atenas. A forma como os Atenienses se reviam nesta faceta da personalidade de Teseu é sintetizada num comentário expressivo de Tucídides: “Com a nossa ousadia, tornamos todo o mar e toda a terra acessíveis”.⁴⁸

4. Aventuras da maturidade. Outros traços no perfil de um ‘herói fundador’

Teseu surge em Atenas como um desconhecido que, porque a sua identidade de filho de Egeu é deixada oculta, tem de conquistar, por mérito próprio, o seu

43 Paus 1.37.4: διαβῆσαι δὲ τὸν Κηφισὸν βωμὸς ἐστὶν ἀρχαῖος Μειλιχίου Διός. Cf. Plu. *Thes.* 25.7.

44 A este propósito é oportuna a opinião de Nilsson (1972, 55), que considera os feitos de Hércules vitórias sobre bestas selvagens, e os de Teseu, contra salteadores de estrada, como caminho aberto para uma vida civilizada e pacífica.

45 Paus. 2.1.4.

46 Paus. 1.3.1: στοὰ βασιλείας.

47 Ferreira 2012, 63.

48 Th. 2.41.4: ἀλλὰ πᾶσαν μὲν θάλασσαν καὶ γῆν ἐσβατὸν τῇ ἡμετέρῃ τόλμῃ καταναγκάσαντες γενέσθαι.

lugar. Atenas merece já, na descrição de Plutarco, a designação de *polis*,⁴⁹ uma estrutura social bem constituída, mas dividida por dissensões internas; tratava-se de uma rivalidade desencadeada por duas fações a propósito da herança dinástica de Egeu;⁵⁰ disputavam-na também os Palântidas,⁵¹ com o argumento da ilegitimidade do próprio Egeu, que não passava de um filho adotivo de Pandión, e da sua falta de herdeiros, uma vez que não tinha filhos. Foram, portanto, desagradavelmente surpreendidos pela proposta de sucessão de Teseu, que não passava de um recém-chegado e estranho à cidade. Logo, as divisões internas perturbavam uma Atenas com um passado e uma linhagem, onde Teseu teve de afirmar a sua legitimidade.⁵²

Teve, naturalmente, celebridade o confronto entre o jovem recém-chegado e os seus concorrentes. Tratava-se de garantir a Atenas uma nova era de pacificação e progresso, mesmo se usando do recurso à violência. Para vencer, Teseu usou de determinação, mas não se eximiu de recorrer, como estratégia, ao fator surpresa.⁵³ Foi então necessário confrontar a justiça; a humana, em primeiro lugar, como recorda Pausânias a propósito da tradição relacionada com um dos tribunais de Atenas, o Delfínio.⁵⁴ O julgamento de Teseu assumiu aí o papel de uma espécie de processo fundador num tribunal onde se passou a julgar “crimes legítimos,” ou em legítima defesa, dignos de absolvição.⁵⁵ Mas houve também que pacificar os deuses e, para isso, o homicida regressou à terra de origem, Trezena, em busca de purificação.⁵⁶ De todo o modo, estava consagrada a proximidade de Teseu com Apolo Delfínio, um culto e um edifício de referência na articulação da cidade com o deus, além de representar um novo modelo de justiça.

De facto, a excepcionalidade de um jovem, ainda desconhecido em Atenas, mas cativando já os seus futuros concidadãos, ficou associada a vários edifícios,

49 Plu. *Thes.* 12.2.

50 Plu. *Thes.* 13.1.

51 Os Palântidas eram os cinquenta filhos de Palante, por sua vez filho de Pandion e, portanto, irmão de Egeu, numa outra versão que não aquela que Plutarco testemunha. Para o Queroneu, Egeu é reduzido à condição de filho adotivo de Pandión.

52 Plu. *Thes.* 13.1, 14.1.

53 Plu. *Thes.* 13.3

54 Paus. 1.28.10. Este é um episódio omitido por Plutarco.

55 Em relação ao Delfínio, Teseu desempenha um papel equivalente ao que coube a Orestes no referente ao Arcópago.

56 Paus. 1.22.2.

com relevância para o templo de Apolo Delfínio,⁵⁷ ainda em construção aquando da sua entrada na cidade; era como se o estabelecimento material da presença do deus e do futuro ‘salvador’ de Atenas coincidissem. Relata Pausânias:

Teceu chegou a Atenas, onde era ainda totalmente desconhecido. Trazia uma túnica até aos pés e os cabelos cuidadosamente entrelaçados. Ao passar junto do templo de Apolo Delfínio, os operários que construía o teto perguntaram-lhe, por brincadeira, o que é que uma moça em idade de casar andava ali a fazer sozinha. Teceu não deu resposta, mas desatrelou – segundo consta – os bois de um carro, que estava ali perto, e levantou-o mais alto do que o teto que eles estavam a construir.⁵⁸

A beleza e delicadeza da figura, que o tornavam quase feminino de aparência, mal ocultavam o vigor e determinação de um herói dotado para grandes façanhas, a que o toque divino garantia patrocínio.

Afirmada a legitimidade da sucessão, Teceu desencadeia uma atividade política decisiva, com o objetivo primeiro de cativar popularidade.⁵⁹ No que se refere às suas iniciativas nesse sentido, Plutarco ajusta o vocabulário. A βασιλεύειν, que exprime a forma de poder até aí praticada em Atenas, substitui uma outra forma de convívio com o povo, de sabor nitidamente democrático. A Atenas clássica encontrava em Teceu o seu inspirador. Ou, no dizer de Flacelière:

Tout se passe comme si Thésée était devenu pour les Athéniens, vers l'époque de Pisistrate ou de Clisthène, un héros national et l'émule du Dorien Héraclès. L'homme à bonnes fortunes (...) apparaît, dès lors, comme le modèle des plus hautes vertus, comme l'organisateur du *synoecisme* et d'une monarchie tempérée “inclinant vers la démocratie”, comme la préfigure de Clisthène et même de Périclès.⁶⁰

A vitória alcançada pelo jovem herói sobre o touro de Maratona sublinha bem o novo espírito que Teceu quis imprimir às relações políticas em Atenas.⁶¹ Se, com a vitória sobre o monstro, o jovem herói protegia as populações de

57 Aqui se situava o tribunal com o mesmo nome e se cultuava Teceu a propósito do mais célebre dos seus feitos, libertar Atenas do tributo ao Minotauro (*vide infra*).

58 Paus. 1.19.1: ἀγνώσκει τοῖς πᾶσιν ἀφίκοιτο Θησεύς ἐς τὴν πόλιν· οἳ δὲ γιγῶνα ἔχοντος αὐτοῦ ποδῆρη καὶ πεπλεγμένης ἐς εὐπρεπέες οἱ τῆς κόμης, ὡς ἐγίνετο κατὰ τὸν τοῦ Δελφινίου ναόν, οἱ τὴν στέγην οἰκοδομοῦντες ἤροντο σὺν χλευασίᾳ, ὅτι δὴ παρθένος ἐν ὄρα γάμου πλανᾶται μόνη· Θησεύς δὲ ἄλλο μὲν αὐτοῖς ἐδήλωσεν οὐδὲν, ἀπολύσας δὲ ὡς λέγεται τῆς ἀμάξης τοὺς βοῦς, ἧ σφισι παρῆν, [τὸν ὄροφον] ἀνέροψεν ἐς ὑψηλότερον ἢ τῷ ναῷ τὴν στέγην ἐποιούντο.

59 Plu. *Thes.* 14.1. Considera García Gual (1990, 141) que Teceu foi, como nenhum outro herói lendário, sujeito a uma cosmética, para se ajustar como modelo político da cidade.

60 Flacelière 2003, 4.

61 Plu. *Thes.* 14.1. Estas aventuras ‘preambulares’ de Teceu ainda em busca de uma posição em Atenas parecem mais recentes; a primeira versão que delas retemos é-nos dada por Baquilides (*F7*: 18), séc. VI-v a.C.

um pesadelo, os dividendos que soube tirar do seu sucesso revelam uma fina sensibilidade política. Para mobilizar os cidadãos para o interesse comum do seu feito, depois de dominar o touro, “exibiu-o ainda vivo, através de toda a cidade, e, por fim, imolou-o a Apolo Delfínio”.⁶² Com este gesto público, a façanha de Teseu saía do campo meramente individual, heroico ou épico, para ganhar um alcance coletivo. Muito relevante é o cenário escolhido para esta aventura, Maratona, uma das cidades da Tetrápole, um pequeno núcleo aglutinador com que Teseu estabelece esta primeira cooperação.⁶³ Igualmente relevante é o facto de Teseu, de acordo com Plutarco, no conflito com o touro, ter poupado a vida ao adversário vencido, numa manifestação de maturidade e autodomínio, próprios de um herói civilizado e com sentido político. A versão que Pausânias testemunha do mesmo episódio usa de ingredientes diversos, mas igualmente sugestivos.⁶⁴ O touro de Maratona era, na verdade, um monstro temível que assolava Creta, embaixador da fúria de Posídon contra Mínos, que, apesar da sua soberania dos mares, não prestava ao deus as devidas homenagens. Coube a Hércules capturar a fera e trazê-la para o Peloponeso; depois de solto no novo território, o touro fez rumo a Maratona, onde continuou um trajeto de destruição. Foi aí que teve lugar a intervenção de Teseu que “mais tarde, o conduziu para a Acrópole e o sacrificou à deusa. O memorial respetivo é uma oferenda de Maratona”.⁶⁵ De novo, a cumplicidade entre o herói dos Iónios e o dos Dórios mantém-se patente.

Este episódio, com uma importância política relevante para Atenas e para a Ática, abonada pela própria adesão de Maratona à sua celebração, esteve, de acordo com a versão de Pausânias, na origem da que foi a mais célebre aventura do jovem Teseu: a que o confrontou com o Mínotouro, em Creta.⁶⁶ Resume Pausânias, a propósito do comportamento homicida do touro:

62 Plu. *Thes.* 14.1: πεδείξατο ζῶντα διὰ τοῦ Ἰστέου ἐλάσας, εἶτα τῷ Ἀπόλλωνι τῷ Δελφίνῳ κατέθυσεν.

63 Fialho (2002, 70) sublinha a relação de Teseu com Maratona, que serve de cenário para alguns dos episódios da sua vida: a captura do touro e a ocultação de Helena, raptada quando ainda criança. Não menos relevante foi a relação do herói com a batalha de Maratona, em que, segundo a tradição, teria ocorrido em auxílio dos seus compatriotas. Por isso, na *Stoa Poikile* (Paus. 1.15.3), uma célebre ‘galeria de arte’ em plena ágora ateniense, encontrava-se representado a sair do túmulo para cumprir mais essa missão.

64 Paus. 1.27.9-10.

65 Paus. 1.27.10: τὸν δὲ ἐν τῷ Μαραθῶνι ταῦρον ὕστερον Θησεὺς ἐς τὴν ἀκρόπολιν ἐλάσας καὶ θῦσαι λέγεται τῇ θεῷ, καὶ τὸ ἀνάθημά ἐστι τοῦ δήμου τοῦ Μαραθωνίων.

66 Verrall e Harrison (1890, XCVIII) consideram-na, a partir da representação que tem nos vasos de figuras negras (séc. VI a.C.), como a mais antiga e imaginam-na proveniente de Falero.

Foi matando, entretanto, todos os que encontrava, entre eles Androgeu,⁶⁷ filho de Minos. Este navegou então contra Atenas, persuadido de que os Atenenses não estavam inocentes na morte de Androgeu. Tantos foram os danos que lhes causou que eles se viram forçados a enviar para Creta sete rapazes e outras tantas raparigas, destinados ao chamado Minotauro que vivia no labirinto em Cnossos.⁶⁸

Perante esta crise, tratou-se, para Atenas, de fazer ouvir um brado de liberdade em relação ao poder imperialista que o rei Minos geria em Creta.⁶⁹ A cobrança de tributos caracterizava a atuação minoica e penalizava a cidade de Egeu. Este episódio contribuiu para lançar as bases de um sentimento de aversão à tirania, que veio a ser, na Atenas democrática, um impulso indomável. Minos passa a encarnar, na sua versão mais radical, o tipo de poder a que, na Ática, Teseu se esforça por pôr fim e que a época clássica, contemporânea de democracia, execrou.⁷⁰ Plutarco evoca, como testemunho da importância desta campanha, a cunhagem de moeda com a efígie de um boi, a que acrescenta uma intenção simbólica: a de exortar os cidadãos à atividade agrícola como arranque para uma nova era de prosperidade.⁷¹

Em versão mitigada, Egeu, o soberano no poder do lado vitimado pela exigência de Cnossos, contribui, com as suas decisões, para o retrato do tirano. No processo que estabeleceu para selecionar as vítimas do Minotauro – a tiragem à sorte, um critério, neste caso, falsamente democrático – exprimia, na verdade, uma atitude arbitrária, pois “além de reservar a um filho bastardo e estranho o poder, não se importava de ver os cidadãos privados dos seus filhos legítimos e

67 Androgeu era um dos filhos de Minos e Pasífae, distinto vencedor nos jogos pan-atenaicos organizados pelos Atenenses. Vários são os pretextos que a tradição enuncia para a morte de Androgeu (temor de que Androgeu incentivasse Minos a atacar Atenas, inveja dos concorrentes vencidos nos jogos). De acordo com outras versões, o responsável pela sua morte teria sido Egeu, que, entrevedo a simpatia de Androgeu pelos Palântidas, seus rivais políticos, procurou eliminá-lo enviando-o à caça do touro de Maratona. Estava aberta uma inimizade entre Minos e Egeu, que se traduziu não só no temido ataque dos Cretenses contra Atenas, como provocou em território ático uma tremenda peste. Para se libertar da vingança, Atenas viu-se forçada a pagar, com vidas, a ofensa.

68 Paus. 1.29.10: *καὶ ἄλλους τε πόποσις ἐπέτυχε καὶ Μίνω παῖδα Ἀνδρόγεω ἀπέκτεινε. Μίνως δὲ ναυσὶν ἐπ' Ἀθήνας πλεύσας – οὐ γὰρ ἐπέβητο ἀνοητίους εἶναι σφᾶς τῆς Ἀνδρόγεω τέλευτῆς – ἐς τοσοῦτον ἐκάκωσεν, ἐς ὃ συνεγνωρίθη οἱ παρθένους ἐς Κρήτην ἐπὶ καὶ παῖδας ἴσους ἄγειν τῷ λεγομένῳ Μίνω ταύρω τὸν ἐν Κνωσσῷ Αζδύρινθον οἰκῆσαι.* Cf. Plu. *Thest.* 15.1.

69 Plu. *Thest.* 15.1.

70 Plutarco refere a leitura inovadora que o teatro clássico fez da versão épica de Minos (*Thest.* 16.3): “Se Hesíodo lhe chamou ‘o mais régio dos reis’ (βασιλεύτατον, *Fr.* 103 Rzach) e Homero (*Od.* 19.179) ‘interlocutor de Zeus’ (ἄριστήν Διός), a tragédia veio desacreditar Minos como o paradigma do ‘tirano’ e atribuir-lhe os principais traços desse tipo, a inacessibilidade e a violência.”

71 Plu. *Thest.* 25.3.

condenados a perder a descendência.”⁷² A crise da monarquia denunciava-se nos seus habituais sintomas: o isolamento do soberano, que se coloca numa posição de exceção e faz valer os seus interesses, apesar da sua responsabilidade pelo coletivo.

Em Atenas fez-se ouvir a voz da indignação popular,⁷³ a que Teseu veio dar satisfação. Em nome de uma justiça que entendia como um valor prioritário (*δικαιῶν μὴ ἀμελεῖν*)⁷⁴ e do sentido de partilha de uma sorte comum aos cidadãos (*κοινωνεῖν τῆς τύχης τοῖς πολίταις*), ofereceu-se voluntariamente (*ἄνευ κλήρου*, “sem tiragem à sorte”) ao sacrifício.⁷⁵ Com esta decisão, Teseu ganhava, em definitivo, a inclusão legítima entre os seus concidadãos atenienses. Aos apelos egoístas do progenitor, o jovem respondeu com inflexibilidade e obstinação, mas também com uma promessa de vitória, reconfortante para o pai, e provinda de um genuíno sentimento de autoconfiança; assim conquistou a simpatia popular para as suas virtudes, as de um verdadeiro demagogo no sentido mais nobre da palavra: uma grandeza de alma apreciável (*φρόνημα θαυμαστόν*) e a dedicação ao povo (*τὸ δημοτικὸν ἠγάπησαν*).⁷⁶

Paúsânias testemunha a vitalidade desta lenda expressa em múltiplos lugares, monumentos e relatos tradicionais em Atenas. No seu conjunto, estes testemunhos constituíam condimentos bem conhecidos no perfil de um herói de exceção. Em primeiro lugar, as motivações que colocavam, no caso de Teseu, a salvação da pátria própria de um herói civilizacional à frente da obtenção da glória. Depois as qualidades – segurança e determinação, clareza de propósitos -, que não faltavam no futuro senhor de Atenas. Por sua vez, a dimensão e exigência da aventura – a luta contra um monstro – colocavam a campanha ao nível dos célebres trabalhos de Hércules, que desde a infância (como vimos) funcionava para o jovem como um modelo a seguir. Por fim, os patrocínios que lhe não faltaram, divinos (de Apolo e Ártemis)⁷⁷ e também humanos, encarnados na colaboração decisiva de uma mulher apaixonada, Ariadne.

72 Plu. *Thes.* 17.1: ἀλλ’ ἐπὶ νόθῳ καὶ ξένῳ παιδὶ τὴν ἀρχὴν πεποιημένος αὐτοὺς περιορᾷ γνησίων ἐρήμους καὶ ἄπαιδας ἀπολειπομένους.

73 Plu. *Thes.* 17.1.

74 Plu. *Thes.* 17.2.

75 A versão preferida por Plutarco (também documentada em Isoc.10.27 e Catul. 64.80-5) sobre esta decisão voluntária de Teseu é tanto mais significativa quanto contrasta com outras menos adequadas aos seus propósitos laudatórios: a de que Teseu fora também sujeito a um sorteio (Pherecyd. *FGrH* 3 Fr. 148); ou a de que fora objeto de escolha do próprio Minos (Hellanic. *FGrHist* 4 Fr. 164 = 323a Fr. 14; D.S. 4.61.4).

76 Plu. *Thes.* 17.2.

77 Cf. Plu. *Thes.* 18.1-3.

Assim, o porto de Falero reservava a memória de ter sido o ponto de partida de Teseu para a aventura cretense.⁷⁸ Em plena Acrópole, uma estátua celebrava a luta do jovem ateniense contra “o chamado Minotauro, fosse ele um homem ou uma fera, segundo a versão que prevalece”.⁷⁹ Curiosamente, Pausânias sublinha a tendência para uma progressiva racionalização do mito, sugerindo uma dúvida, que a estátua parece alimentar, quanto à natureza do adversário. Plutarco, por sua vez, associa ao templo de Apolo Delfínio um ritual de súplica feito pelo filho de Egeu antes da partida, em favor dos jovens que o acompanhavam; e recorda como uma celebração perdurava até aos seus dias, assinalando o dia da partida, “dia em que, ainda hoje, enviam as jovens ao Delfínio a conciliar-se com o deus.”⁸⁰ Se foi indispensável a colaboração de Apolo nos trâmites da partida, não o foi menos a estratégia de salvação que a mão apaixonada de Ariadne estendeu ao herói. Curiosamente, Plutarco, ainda que reconheça a popularidade do motivo (“... de acordo com a maioria dos escritos e cantos”), passa muito rapidamente sobre esta colaboração.⁸¹ E outro tanto faz Pausânias, que deste encontro recorda apenas o futuro abandono de Ariadne em Naxos, já na viagem de regresso; ao enumerar as preciosidades contidas no “templo de Dioniso a caminho do teatro”, menciona a representação de “Ariadne adormecida, Teseu que embarca, e Dioniso que chega e rapta Ariadne.”⁸² A pintura devolve a ambiguidade das circunstâncias; assim Dioniso entra no episódio de acordo com diferentes leituras: ou como sendo autor de uma exigência de que Teseu lhe cedesse a jovem cretense; ou salvando uma Ariadne abandonada à traição, que veio a desposar. O certo é que alguma obscuridade paira sobre o relacionamento do herói com a sua cúmplice. Seja como for, a lembrança de Ariadne deixou em Teseu uma marca que, segundo uma tradição de que Pausânias se faz porta-voz, poderia justificar o esquecimento

78 Paus. 1.1.2.

79 Paus. 1.24.1. Pérez Jiménez sintetiza o sentido cumulativo deste episódio: “En él puede verse un reflejo de varios hechos históricos y ritos antiguos cretenses: el Minotauro se entiende en relación con el toro cretense y la influencia de démones minoicos u orientales con naturaleza mixta (animal-hombre); el Laberinto sería un edificio de gran importancia cultural en los ritos del toro y la doble hacha (*labrys*), y en el tributo y la liberación por Teseo se refleja, seguramente, una dependencia histórica del Ática respecto de la talasocracia minoica y la destrucción, luego, de los Primeros Palacios.” (2000, 172).

80 Plu. *Thes.* 18.1-2.

81 Plu. *Thes.* 19.1.

82 Paus. 1.20.3: τοῦ Διονύσου δὲ ἐστὶ πρὸς τῷ θεάτρῳ (...) Ἀριάδνη δὲ καθεύδουσα καὶ Θησεὺς ἀναγόμενος καὶ Διόνυσος ἔχων ἐς τῆς Ἀριάδνης τὴν ἀρπαγὴν. O episódio de Teseu e Ariadne era já conhecido de Homero (*Il.* 18.591-2; *Od.* 11.521-4).

da substituição de velas pretas por brancas na viagem de regresso (“a perda de Ariadne fê-lo esquecer a promessa”);⁸³ indiretamente a filha de Mínos dava ainda ao herói um último contributo na maior das suas conquistas, o trono de Atenas, poupando-o à eventual necessidade de um gesto de violência. Este tornou-se um motivo decisivo a coroar a aventura, associado com o templo de Atena *Nike*, projetado no lado ocidental da Acrópole em direção ao mar, e com o desfecho vitorioso da aventura cretense, decisiva para a assunção, por parte do vencedor, do poder em Atenas. Era célebre a história do suicídio de Egeu, o pai e tirano que, perante o retorno do barco – aquele que levava as vítimas do Minotauro e um Teseu em busca de maturidade e afirmação - com velas pretas ainda içadas, convencido da morte do filho, se lançara das alturas da Acrópole. Naturalmente, esta é a versão que justifica a sucessão do novo senhor de Atenas.⁸⁴

5. Teseu, senhor de Atenas

Houve primeiro que consagrar o reconhecimento da autoridade do novo chefe. Teseu recebeu, de boa parte da população - os menos próximos do poder instituído -, um aplauso fácil e submisso (“manifestaram-lhe simpatia e coroaram-no”).⁸⁵ Pôde assim dar início imediato às medidas políticas que deram à Atenas monárquica uma nova face, que a marcaria para todo o sempre: a de berço da democracia.⁸⁶

Plutarco não tem dúvidas em considerar a fusão das populações da Ática numa só comunidade como a primeira medida, e determinante, do novo senhor de Atenas.⁸⁷ Com ela, vários objetivos se cumpriam: o de fomentar a coesão própria

83 Paus. 1.22.5: τούτων λήθην ἔσχεν Ἀριάδνην ἀφηρημένος. Plutarco (*Thes.* 22.1) substitui a saudade de Ariadne pela alegria do regresso como motivo para o esquecimento de Teseu. Por sua vez, D.S. 4.61.5; Apollod. *Épít.* 1.10; Hyg. *Fab.* 43 seguem uma versão semelhante à testemunhada por Pausânias.

84 Plu. *Thes.* 17.4-5; Paus. 1.22.4-5.

85 Plut. *Thes.* 22.2: (...) φίλοφρονεῖσθαι καὶ στεφανοῦν αὐτὸν (...)

86 Plutarco encontra mesmo em Homero argumento para defender a antiguidade do modelo democrático em Atenas: “Que foi ele o primeiro a inclinar-se para a multidão, como diz Aristóteles, e a renunciar à monarquia, parece dar-lhe crédito também Homero ao chamar, no ‘catálogo das naus’, ‘povo’ somente aos Atenienses.” (*Thes.* 25.2: ὅτι δὲ πρῶτος ἀπέκλινε πρὸς τὸν ὄχλον, ὡς Ἀριστοτέλης φησί, καὶ ἀφῆκε τὸ μοναρχεῖν, ἔοικε μαρτυρεῖν καὶ Ὅμηρος ἐν νεῶν καταλόγῳ μόνους Ἀθηναίους δῆμον προσαγορεύσας.)

87 Plu. *Thes.* 24.1-2.

de um verdadeiro Estado - “um só povo num só Estado (μῖς πόλεως ἕνα δῆμον), em nome do bem comum (πρὸς τὸ κοινὸν πάντων συμφέρον)”⁸⁸ -, o de pacificar anteriores dissensões entre pequenos núcleos populacionais, e o de afirmar um outro modelo de poder. O vocabulário usado por Plutarco é cuidadoso, sugerindo um compromisso entre os dois modelos de governo: “Foi o primeiro . . . que pendeu para o povo (ἀπέκλινε πρὸς τὸν ὄχλον) e renunciou à monarquia (ἀφῆκε τὸ μοναρχεῖν)”⁸⁹. Em relação aos seus antecessores, a sua proposta era revolucionária: “prometia uma governação sem rei (ἀβασίλευτον πολιτείαν προτείνων), uma democracia (δημοκρατίαν), onde ele seria apenas o comandante na guerra e o guardião das leis (ἄρχοντι πολέμου καὶ νόμον φύλακι)”. Com esta restrição à autoridade monocrática, ampliavam-se os direitos coletivos, num plano de partilha igual para todos (παρέξουσιν ἅπασιν ἰσομοιρίαν).⁹⁰ Depois de tomadas medidas concretas na execução desse plano, a Atenas clássica, como apogeu do trajeto de vida da cidade, estava esboçada nas suas linhas essenciais. Mais do que um projeto político, Teseu encarnava o verdadeiro ‘espírito ateniense’, com as suas qualidades de dinamismo empreendedor, de ousadia, de determinação e de um sentido de coletivo, orientado pela justiça e pela tolerância persuasiva.⁹¹

Pausânias, por sua vez, testemunha como esta decisão política fundacional tinha o merecido registo em edifícios públicos centrais em Atenas, “em nome de uma tradição amplamente difundida.”⁹² Assim, no chamado “Pórtico de Zeus *Eleuthérios*”, um edifício do séc. V a.C. situado no lado noroeste da ágora,⁹³ existia um retrato de “Teseu, da Democracia e do Povo” – obra de Eufranor, um conhecido pintor de meados do séc. IV a.C. -, para abonar como “foi Teseu quem instituiu em Atenas o regime da igualdade.”⁹⁴ E prosseguindo em direção à

88 Plu. *Thest.* 24.1

89 Plu. *Thest.* 25.3.

90 Plu. *Thest.* 24.2.

91 *Suplicantes* de Eurípidés são o primeiro testemunho literário do papel de Teseu na instituição da democracia ateniense.

92 Paus. 1.3.3: *κεχώρηκε δὲ φήμη καὶ ἄλλως ἐς τοὺς πολλοὺς (...)* Sobre a associação de Teseu com estas duas alegorias, que faz dele o fundador da democracia ateniense, cf. Isoc. 4.129, 12.32 et seq.; Arist., *Ath.* 41.2; Plu. *Thest.* 25.

93 Este edifício era usado para serviços administrativos e também como espaço de lazer; cf. X. *Oec.* 7.1; D.L. 6.22. Cf. ainda Lewis et al. (1992, 214), que recordam que o templo de Zeus *Eleuthérios* tinha, em função da divindade homenageada, uma imponência particular, não só no desenho como nos materiais utilizados. As pinturas, acrescentadas no séc. IV a.C., permitiram ao edifício - de acordo com aqueles estudiosos - rivalizar com a própria *Stoa Poikile*.

94 Paus. 1.3.3: *ἡγοῖ δὲ ἡ γραφή Θησέα εἶναι τὸν καταστήσαντα Ἀθηναίους ἐξ ἴσου πολιτεύεσθαι.*

Acrópole, Pausânias recorda como cultos particulares foram criados para celebrar esta iniciativa: “Afrodite *Pandemos*,⁹⁵ quando Teseu reuniu os Atenienses dos diferentes *demos* numa só cidade, passou a ter um culto, bem como a Persuasão.”⁹⁶

Outros episódios fulcrais na intervenção política de Teseu evidenciaram-se mais tarde. O confronto do soberano de Atenas com as Amazonas reveste-se de uma variedade de versões, motivos e significados. Valorizar a resistência e determinação de um inimigo é decerto um bom ponto de partida para fazer sobressair a excelência de quem o vence; por isso, Pausânias sublinha:

Estas são as únicas mulheres a quem as derrotas não impediram de enfrentar o perigo. Pois apesar de derrotadas em Temiscira por Hércules e da chacina do seu exército enviado contra os Atenienses, mesmo assim foram para Troia, para lutar contra os próprios Atenienses e todos os Gregos.⁹⁷

O papel que um herói da qualidade de Hércules possa ter tido nesta aventura consolida a ideia de que, desde a infância, Teseu o tinha adotado como paradigma a imitar; proximidade essa a que não faltaram oportunidades de consolidação. No entanto, outras versões conferiam a Teseu outros companheiros, ou mesmo – sugestão preferida por Plutarco⁹⁸ – o colocavam como herói independente ao comando de uma campanha de alto risco. Continuará mesmo assim visível a emulação com o protagonista dos célebres doze trabalhos.

Um memorial de Antíope colocado logo à entrada da cidade (uma coluna ou estela situada junto do templo da Mãe Terra)⁹⁹ recordava a primeira fase desta aventura: a campanha que Teseu, sozinho ou juntamente com um companheiro, fez ao reino das Amazonas nas margens do Termodonte, de onde trouxe – por rapto ou sedução – a sua rainha. A versão de Píndaro¹⁰⁰ – que só conhecemos por esta referência de Pausânias - insere esta aventura na saga ateniense de Teseu.

95 “Padroeira de todos os *demos* ou de todo o povo, pública”, nome que lhe advinha da qualidade de patrocinadora da fusão. Ath. 13.562d acrescenta outra explicação para este qualificativo, ao dizer que o templo foi construído por Sólon com dinheiro reunido pelas heteras. Cf. Pl. *Smp.* 181a.

96 Paus. 1.22.3: Ἀφροδίτην δὲ τὴν Πάνδημον, ἐπεὶ τε Ἀθηναίους Θησεύς ἐς μίαν ἤγαγεν ἀπὸ τῶν δήμων πόλιν, αὐτὴν τε σέβεσθαι καὶ Πειθῶ κατέστησε.

97 Paus. 1.15.2: μόναις δὲ ἄρα ταῖς γυναῖξιν οὐκ ἀφήρει τὰ παιίσματα τὸ ἐς τοὺς κινδύνους ἀφειδές, εἴ γε Θεμισκύρας τε ἀλούσης ὑπὸ Ἡρακλέους καὶ ὕστερον φθαρείσης σφίσι τῆς στρατιᾶς, ἦν ἐπ’ Ἀθήνας ἔστειλαν, ὅμως ἐς Τροίαν ἦλλον Ἀθηναίους τε αὐτοῖς μαχρόμεναι καὶ τοῖς πᾶσιν Ἑλλήσιν. cf. 1.41.7.

98 Plu. *Thest.* 26.1-2.

99 Plu. *Thest.* 27.6; Paus. 1.2.1.

100 P. *Fr.* 175 Snell.

Na campanha contra as Amazonas, aproveitando a hospitalidade e confiança de Antíope, Teseu tê-la-ia atraído ao seu barco e raptado,¹⁰¹ o que pôde justificar o futuro ataque das Amazonas contra a Ática. Outras versões enquadravam o episódio nos trabalhos de Hércules e valorizavam a adesão voluntária de Antíope; assim o poema de Hégias de Trezena:

Hércules fez cerco à cidade de Temiscira, sobre o Termodonte, mas não conseguia tomá-la. Foi então que Antíope, apaixonada por Teseu – sendo que Hércules e Teseu tinham feito a campanha juntos – lha entregou.¹⁰²

As métopas do Tesouro dos Atenienses em Delfos reportavam-se a esta cumplicidade dos dois heróis. O que parece subentendido numa primeira leitura deste rapto é que se tratou do paradigma de uma aventura erótica – aliás um motivo repetido na saga de Teseu -, associada com rituais de casamento.¹⁰³ A ideia da cedência voluntária de uma mulher apaixonada convinha melhor ao perfil de um herói modelo do que o rapto ilegítimo e traiçoeiro, ditado pela irreflexão e pelo impulso. Posteriormente, a interpretação política sobrepôs-se-lhe, sob forma do ataque de um invasor bárbaro a que Atenas teve de resistir; e, naturalmente, esta leitura teve uma enorme popularidade após o termo das Guerras Pérsicas.

Possivelmente este rapto justificaria a posterior invasão de Atenas pelas Amazonas, uma componente do mito que se tornou popular em meados do séc. V a.C.¹⁰⁴ Aquarteladas junto ao Areópago, o relacionamento com o poder local originou diferentes versões, tendo em conta o comportamento individual de Antíope, a mulher apaixonada e submissa, e a hostilidade das Amazonas como grupo, atingidas pelo que consideravam uma traição da sua rainha. Foi nestas condições – ou como inimiga ferida ou como aliada humilhada - que teria sido atingida por outra Amazona, Molpádia, que Teseu de seguida eliminou.¹⁰⁵

101 Cf. Hdt. 4.110.1; Plu. *Thes.* 26.1-2.

102 Paus. 1.2.1: Ἡρακλέα Θεμισκυραν πολιορκούντα τὴν ἐπὶ Θερμώδοντι ἐλεῖν μὴ δύνασθαι, Θησέως δὲ ἐραστῆσαν Ἀντιόπειν – στρατεύσαι γὰρ ἄμα Ἡρακλεῖ καὶ Θησέα – παραδύναι [τε] τὸ χωρίον. Hégias de Trezena é conhecido como autor de uns *Nostoi*, um poema do ciclo épico que narra o regresso dos heróis da guerra de Troia. A versão que aqui lhe é atribuída em relação à campanha contra as Amazonas coincide com Apolodoro (*Epit.* 1.16). Vários autores fazem da campanha contra as Amazonas uma iniciativa exclusiva de Teseu: Pherecyd. *FGrH.* 3 Fr. 151, Hellanic. *FGrH.* 4 Fr. 166, Herodor. *FGrH.* 31 Fr. 25a-b.

103 Esta é uma simbologia abonada pela cerâmica; cf. Ferreira 2012, 70-1.

104 Plu. *Thes.* 27; cf. A. *Éu.* 685-90.

105 Plu. *Thes.* 27.6.

Era intenção de Molpádia libertar Antíope da influência do senhor de Atenas. Também neste caso o interesse deste episódio justificava a vulgaridade com que se encontrava representado em lugares públicos de referência: na parede central da *Stoa Poikile*, na ágora de Atenas,¹⁰⁶ no “templo de Teseu junto ao ginásio”, bem como “no escudo de Atena e sobre o pedestal de Zeus em Olímpia”;¹⁰⁷ a que Plutarco acrescenta o Amazónion, lugar evocativo do aquartelamento das Amazonas junto ao Areópago,¹⁰⁸ e o Hormocósion, “lugar de juramento” onde Teseu e as invasoras formalizaram a paz.¹⁰⁹ De resto, a insistência com que o relato desta invasão se associou com monumentos e lugares permitiu criar, com o tempo, a ilusão de historicidade; esse resultado é testemunhado por Plutarco: “que acamparam praticamente dentro da cidade demonstram-no os nomes dos lugares e os túmulos dos que tombaram.”¹¹⁰

O espectro de influência de Teseu projetou-se muito além da organização e defesa da cidade, ou da projeção da valentia de que era dotado; as qualidades de filantropia com que acolheu e defendeu aqueles que apelavam ao seu socorro fez dele um *philos* de excelência e contribuiu para elevar Atenas ao patamar de uma cidade ideal, refúgio seguro e reconhecido para os suplicantes. Esta superioridade comportava, naturalmente, comparações com outras *poleis* orientadas pela tirania e pelo egoísmo. Talvez a síntese de requisitos da *arete* enumerados por H. C. Avery lhe possam assentar na perfeição:

Important things for men were obedience to the will of the gods, a ready acceptance of the burdens imposed upon one by the weaknesses and fears of one's fellow men, and a willingness to take personal and political risks and even to sacrifice one's self on behalf of one's ideals, beliefs, and responsibilities.¹¹¹

A defesa intransigente da filantropia não era isenta de um preço, pelo risco em que colocava a cidade, o que nunca fez hesitar o seu soberano que, com mão

106 Paus. 1.15.2.

107 Paus. 1.17.2: πρὸς δὲ τῷ γυμνασίῳ Θησέως ἐστὶν ἱερὸν (...) καὶ τῇ Ἀθηνᾶ ἐπὶ τῇ ἀσπίδι καὶ τοῦ Ὀλυμπίου Διὸς ἐπὶ τῷ βάλθρῳ.

108 Plu. *Thes.* 27.3.

109 Plu. *Thes.* 27.7.

110 Plu. *Thes.* 27.2: τὸ δὲ ἐν τῇ πόλει σχεδὸν αὐτὰς ἐνστρατοπεδεῦσαι μαρτυρεῖται καὶ τοῖς ὀνόμασι τῶν τόπων καὶ ταῖς θήκαις τῶν πεσόντων.

111 Avery 1971, 540.

segura, soube conduzir a vontade popular no sentido de um objetivo maior: a defesa dos princípios. Uns poucos exemplos, daqueles que Plutarco e Pausânias referem como famosos, podem ilustrar esta supremacia que acompanha a *acme* do senhor de Atenas.

Plutarco e Pausânias são consensuais no papel exercido pelo soberano de Atenas no ato piedoso de sepultar os atacantes de Tebas, na célebre campanha “dos Sete” em defesa dos interesses de Polinices ao trono da cidade.¹¹² Ambos referem, por os terem visto, os túmulos que se alinhavam na estrada entre Elêusis e Mégara e recordam, em termos muito semelhantes, o papel que Teseu desempenhou no acolhimento à súplica de Adrasto e das mães das vítimas, perante a obstinação de Creonte e de Tebas em lhes negarem o supremo direito à sepultura. Que este episódio gerou conflito, é inevitável. Como se encontrou para ele solução, implicou diferentes leituras: as que sublinham o recontro de forças e a maior valentia dos Atenienses, ou aquelas que sobretudo elogiam “a habilidade” diplomática de Teseu como responsável pela vitória.¹¹³ Plutarco é mesmo um testemunho da ampla controvérsia gerada em torno dos pormenores deste episódio, que, apesar das divergências, deixam ileso a *philanthropia* de Atenas e do seu chefe:

Ajudou, além disso, Adrasto a recuperar os caídos junto à cidade de Cadmo, mas não, como Eurípidés representou na tragédia, vencendo em combate os Tebanos, antes através da persuasão e de acordos; pois, segundo a maioria, como de resto Filócoro, aqueles foram os primeiros acordos sobre a recuperação de cadáveres. No entanto, que já antes Hércules devolveu os mortos aos seus inimigos está escrito num livro sobre Hércules. Os túmulos dos combatentes mostram-se em Elêuteras, e os dos chefes perto de Elêusis, e isto por concessão de Teseu a Adrasto. Servem de prova em contrário das *Suplicantes* de Eurípidés, os *Eleusínicos* de Ésquilo, onde até se representa Teseu a afirmá-lo.¹¹⁴

Este era, à evidência, um tema que mobilizava as atenções e que deixa uma marca profunda sob forma de diversos testemunhos.

112 Plu. *Thest.* 29.4-5. Cf. Paus. 1.39.2.

113 Essa “habilidade” (*σοφία*) passou a ser uma das qualidades mais louvadas de Teseu como segredo das suas vitórias; cf. Paus. 1.39.3.

114 Plu. *Thest.* 29.4-5: *συνέπραξε δὲ καὶ Ἀδράστῳ τὴν ἀναίρεσιν τῶν ὑπὸ τῇ Καδμείᾳ πεσόντων, οὐχ ὡς Εὐριπίδης ἐποίησεν ἐν τραγωδίᾳ, μάχη τῶν Θηβαίων κρατήσας, ἀλλὰ πείσας καὶ σπεισάμενος: οὕτω γὰρ οἱ πλείστοι λέγουσι: Φιλόχορος δὲ καὶ σποινῶς περὶ νεκρῶν ἀναίρεσεως γενέσθαι πρῶτας ἐκείνας. ὅτι δὲ Ἡρακλῆς πρῶτος ἀπέδωκε νεκροὺς τοῖς πολεμίοις, ἐν τοῖς περὶ Ἡρακλέους γέγραπται. ταραὶ δὲ τῶν μὲν πολλῶν ἐν Ἐλευθερίας δεικνύνται, τῶν δὲ ἡγεμόνων περὶ Ἐλευσίνας, καὶ τοῦτο Θησέως Ἀδράστῳ χαρισσαμένου. καταμαρτυροῦσι δὲ τῶν Εὐριπίδου Ἰκετιδῶν οἱ Αἰσχύλου Ἐλευσίνιοι, ἐν οἷς καὶ ταῦτα λέγων ὁ Θησεὺς πέποιήται.*

Destacada também foi a luta que, em nome dos interesses de Piríto, Teseu travou contra os Centauros, consolidadora de uma amizade entre os dois heróis.¹¹⁵ As bodas do rei dos Lápitas com Hipodamia, para que o soberano de Atenas foi convidado, aproximou dois jovens que já mutuamente se admiravam.¹¹⁶ Não se previa, no entanto, que, numa cerimónia de alegria e festa, surgisse um combate feroz com outros convidados, os Centauros, que, tomados pelo vinho, atentaram contra as mulheres presentes. Pausânias regista a vulgaridade com que Teseu e Piríto são representados juntos (num monumento vizinho da Academia)¹¹⁷ e salienta o episódio dos Lápitas e dos Centauros como particularmente relevante nessa aliança (presente em lugares públicos da maior evidência, como o templo de Teseu na ágora de Atenas,¹¹⁸ nas métopas do Pártenon ou no templo de Zeus em Olímpia),¹¹⁹ ou não se tivesse transformado num símbolo da luta entre a civilização e a barbárie tão presente na memória recente da Grécia. Por isso, Woodford pode afirmar que foi pela primeira vez “presented an ethical reinterpretation of the theme in terms of the struggle of civilisation against barbarity”.¹²⁰ A *philia* é, neste caso, a determinante de uma campanha, em que Teseu presta auxílio a um amigo vítima de uma agressão por parte dos seus hóspedes.¹²¹

6. A inevitável decadência e morte

No entanto, o que começara como uma amizade promissora, veio a revelar-se o ponto de partida para a decadência de Teseu, porque foi com Piríto que o rei de Atenas se envolveu em aventuras insensatas. Partindo de um ponto culminante na carreira política de Teseu – o paradigma de um “bom rei” -, a sua vida evolui

115 Cf. X. *Smp.* 8.31, sobre o caráter paradigmático desta amizade, de resto consolidada pelo facto de Piríto ter dado nome a um dos *demoi* da Ática, o Pirítodas. A associação de Teseu com os Lápitas era, aliás, muito antiga; cf. Hom. *Il.* 1.265.

116 Plu. *Thes.* 1-3.

117 Paus. 1.30.4

118 Barron (*apud* Woodford 1974, 158) identifica esta pintura da Centauromaquia no Teséion como “a fonte para este novo tema”, depois multiplicado noutras representações.

119 Paus. 1.17.2, 5.10.2.

120 Woodford 1974, 161.

121 Woodford (1974, 161) salienta a novidade desta representação, que substitui o tradicional contexto de combate onde as armas centram o feito fundamental, por um ambiente de festa a que não faltam conotações éticas.

para a imponderação e predomínio da impulsividade. Vítima de paixões e excessos – Eros é um fator descontrolado em vários momentos do seu trajeto –, o rei de Atenas põe em risco a segurança da cidade, desleixa-lhe a gestão e dá espaço à indisciplina cívica. Por isso atrai o ódio ou o desprezo dos governados e vê-se condenado ao exílio por uma população solta e sem controle. O rapto de Helena – “quando a idade já o não aconselhava” – justificou o ataque dos Dioscuros contra Atenas e Afidnas com o objetivo de resgatarem a irmã. Plutarco sublinha que este não foi um episódio honroso para o soberano de Atenas e procura mesmo justificá-lo com outras versões.¹²² O perigo para Atenas era evidente: “O rapto de Helena mergulhou a Ática em guerra, e a Teseu valeu o desterro e a morte”.¹²³ Parecia prefigurar-se, neste mesmo Teseu paradigmático de tudo o que distinguiu Atenas, o prenúncio de um conflito entre Atenas e Esparta que se configurou na Guerra do Peloponeso. Por isso, nem a arte nem a literatura deram grande visibilidade a um motivo, que parecia ter origem lacónia e não concorria para acrescentar glória ao herói nacional. Não admira, portanto, que as representações públicas de Teseu, como o papel que lhe é dado por versões destinadas a valorizar o seu lado de gestor político – caso da tragédia – omitam este episódio.¹²⁴

O pacto então estabelecido entre os dois heróis, de que um ficaria com Helena e ajudaria o outro a conquistar uma mulher à mesma altura, acarretou mais consequências nefastas. Enquanto Helena se mantinha em Afidnas sob a guarda de Etra, Teseu e Pirítoo envolveram-se numa outra aventura: ou na descida ao Hades, ou, em versão mais realista, na campanha contra os Tesprotos; Pausânias diz ter visto ainda o lugar em que, segundo a tradição, esta aventura foi decidida pelos dois amigos.¹²⁵ Num e noutro caso, estava mais uma vez em causa uma mulher que pretendiam raptar, Perséfone ou a rainha dos Tesprotos, por quem Pirítoo alimentava uma paixão.¹²⁶ Como foi idêntico o resultado: a captura dos dois

122 Plu. *Thes.* 31.1.

123 Plu. *Thes.* 29.2: ἐπὶ πᾶσι δὲ τὴν Ἑλένης ἀρπαγὴν πολέμου μὲν ἐμπλήσσει τὴν Ἀττικὴν, αὐτῷ δὲ εἰς φυγὴν καὶ ὄλεθρον τελευτήσσει.

124 Só fora de Atenas se encontra dele vestígio: cf. Paus. 3.18.15, 5.19.2, que o refere como representado no trono de Báticas e na Arca de Cípselo.

125 Paus. 1.18.4.

126 Paus. 1.17.4; Plutarco combina as duas versões, racionalizando o motivo quando atribui ao rei epirota uma estratégia: “depois de dar à esposa o nome de Perséfone, à filha de Core, e ao cão o de Cérbero, exigia aos pretendentes da filha que lutassem com este último, e quem o vencesse seria o contemplado.” (Plu. *Thes.* 31.4: ὅς τῃ γυναικὶ Φερσεφόνην ὄνομα θέμενος, Κόρην δὲ τῆ θυγατρὶ, τῷ δὲ κυνὶ Κέρβερον, ἐκέλευε τοῦτω διαμείβεσθαι τοὺς μνωμένους τὴν παιδᾶ καὶ λαβεῖν τὸν κρατήσαντα.)

raptos. Entretanto, os Dioscuros avançaram contra Atenas e, para dificultarem a vida a Teseu, trouxeram de volta à cidade Menesteu, neto de Erecteu - que Egeu tinha exilado por questões que dividiram os herdeiros ao trono da cidade - e fizeram dele regente. Aproveitando a ausência de Teseu, Menesteu procurou insinuar-se nas simpatias populares, denunciando os prejuízos resultantes da fusão que Teseu tinha feito das populações áticas e da submissão que tinham aceitado de um aventureiro como o filho de Egeu, que agora nem se sabia se estava vivo ou morto. Quando Afidnas cedeu à invasão, Menesteu convenceu os Atenienses atemorizados a aceitar os Dioscuros como seus benfeitores, aliás um título merecido pela forma tolerante como trataram a cidade. Puderam então levar Helena de volta a Esparta, juntamente com Etra.¹²⁷ O mesmo Teseu que tinha construído a democracia era agora vítima da vontade popular, ao mesmo tempo que punha em perigo o próprio regime, capturado por um oligarca populista como Menesteu. No dizer de Fialho: “Na praxis de Teseu transparece a etiologia das próprias fissuras e contradições da democracia ateniense e no destino daquele o destino de uma cidade que conheceu um excepcional esplendor político e cultural, marcado pela *philanthropia* e *megalosophryne*, mas sem a *askesis* que lhe permitisse refrear a cupidez de poder e lucro”.¹²⁸ O afastamento e a queda do alto de um precipício são talvez a expressão simbólica dessa decadência.¹²⁹

Por isso, o silêncio geral – dos filhos, do povo de Atenas – acompanhou a morte do Teseu, cuja memória parecia ter-se apagado sem um gesto de vingança ou de heroização. Só um episódio de grande alcance político – as guerras pérsicas –, concedeu a Teseu um momento de revivalismo, tendo em conta o papel que tinha tido – segundo constava - em Maratona, em socorro dos Gregos. Foi então que Címon lhe trouxe as ossadas da ilha de Ciro (469 a.C.) para as depositar no Teséion.¹³⁰ Enfim redimido das suas fraquezas e patrocinado por

127 Paus. 17.5-6; Plu. *Thes.* 32-5.

128 Fialho 2002, 78.

129 A morte de Teseu teria ocorrido em Ciro, uma ilha próxima de Eubéia. Licomedes, o rei da ilha, um amigo de Menesteu, fez mesmo assim a Teseu uma recepção condigna. No entanto, quando o príncipe de Atenas mostrou a intenção de se instalar na ilha onde possuía propriedades, Licomedes, que lhas tinha usurpado, matou-o à traição. Cf. Plu. *Thes.* 35.5-6, Paus. 1.17.6.

130 Cf. Plu. *Thes.* 35-6; Paus. 1.17.6. Segundo Plutarco (*Thes.* 36.1) teria sido a Pítia a prescrever aos Atenienses que as ossadas de Teseu fossem trazidas para Atenas. Foi quando Címon (507-449 a.C.) se apoderou da ilha (cf. Plu. *Cim.* 8.3-7, *Thes.* 36.2-4) que descobriu o fétetro de Teseu.

Apolo – com quem as afinidades do soberano de Atenas sempre foram estreitas – Teseu assumiu-se, na morte, como o símbolo da sua maior *arete*: a de defensor dos mais fracos perante a pressão ameaçadora dos poderosos,¹³¹ ou seja, como bastião da democracia.

7. Conclusão

Como imagem paradigmática do espírito ateniense, Teseu foi revestindo um perfil maleável de acordo com a própria evolução da cidade. De herói mítico, cresceu no sentido de um modelo civilizacional, protagonista de etapas decisivas no progresso político de Atenas. Em primeiro lugar, houve que apagar aqueles traços biográficos que se poderiam considerar menos apropriados ao ‘fundador’ de uma cidade modelo; foi também preciso flexibilizar os mais sugestivos, dando-lhes interpretações adequadas aos valores a defender. O confronto entre Plutarco e Pausânias dá conta da progressiva construção da figura e do critério com que a opinião pública e Plutarco encararam o seu desenho: o Queroneu mais aberto a incluir no perfil ‘vícios e virtudes’, em nome de um resultado ‘mais realista’; a opinião pública, traduzida nos monumentos dedicados a Teseu, mais seletiva nos episódios a retratar.

131 Cf. Plu. *Thes.* 36.4.

BIBLIOGRAFIA

- Ampolo, Carmine e Manfredini, Mario. 1993. Plutarco. *Le Vite di Teseo e di Romolo*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla.
- Avery, Henry C. 1971. "Euripides' Heraclidae." *AJP* 92: 539-65.
- Ferreira, Ana M. Guedes. 2012. *O homem de Estado ateniense em Plutarco. O caso dos Alceónidas*. Coimbra: IUC.
- Fialho, M. Céu. 2002. "Teseu em Plutarco à luz da tradição." In *Plutarco educador da Europa*, coord. J. R. Ferreira, 67-79. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Flacelière, Robert trad. 2003. Plutarque. *Vies*. I. Paris: Les Belles Lettres.
- García Gual, Carlos. 1990. "La modération attique de Thésée." In *Mythe et Politique. Actes du Colloque de Liège (14-16 septembre 1989)*, coord. F. Jouan et A. Motte, 139-54. Paris: Les Belles Lettres.
- Lewis, David M., Boardman, John, Davies, John, et Ostwald, Maritin. 1992. *The Cambridge Ancient History*. Vol. V *The Fifth Century*. Cambridge: University Press.
- Nilsson, M. P. 1953. "Political propaganda in sixth century Athens." In *Studies presented to David Moore Robinson*, coord. G. E. Mylonas et Doris Raymond, 743-8. Saint Louis: Washington University Press.
- Pérez Jiménez, Aurelio. 2000. Plutarco. *Vidas Paralelas*, vol. 1. Madrid: Gredos.
- Verrall, Margaret, et Harrison Jane. 1890. *Mythology and Monuments of Ancient Athens*. London and New York: MacMillan.
- Walker, Henry. 1995. "The early development of the Theseus myth." *RbM* 138(1): 1-33.
- Woodford, Susan. 1974. "More lights in old walls: the Theseus of the Centauromachy in the Theseion." *JHS* 114: 158-65.



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO

AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também considerados para publicação.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published on the aforementioned subjects are also published.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
